

Brasil só paga aos credores 15% dos juros atrasados

Londres — André Câmara

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — Quinze por cento dos US\$ 8,4 bilhões de juros atrasados que o país deve aos credores internacionais serão pagos até o fim deste ano. Os 85% restantes devem ter prazo de carência de 5 anos a juros fixos. Esta é a oferta que o Brasil colocou na tarde de segunda-feira na mesa dos banqueiros para responder às suas preocupações quanto ao não-pagamento dos juros atrasados.

Se aceitarem a proposta, os banqueiros, para receberem o dinheiro, terão que aceitar também que a discussão sobre o reescalonamento da dívida de longo prazo do Brasil se dê dentro dos termos gerais apresentados pelo país há pouco mais de um mês — cujos conceitos básicos são um acordo longo e duradouro, que leve em conta os limites da capacidade brasileira de pagamento. A reação dos bancos não foi entusiasmada, mas também não pôde ser qualificada de morna.

Eles preferiram guardar suas qualificações sobre a proposta para o embaixador Jório Dauster, que iniciou nova reunião com o comitê dos credores às 3h30 da tarde de ontem. Antes de entrar no prédio do complexo do Citibank, em Nova Iorque, onde está localizada a banca de advocacia que cuida dos interesses dos banqueiros, a Sherman & Sterling, Dauster parou para conversar com os jornalistas.

“É 15% mesmo”, respondeu ele, ao ser perguntado sobre a posição brasileira. Dauster se reservou o direito de não transformar o percentual numa quantia definida. “Isso depende da base de cálculo. Mas não seria incorreto colocar o montante entre US\$ 900 milhões e US\$ 1,1 bilhões”, disse. Alguns banqueiros trabalhavam com a conta de US\$ 750 milhões e se perguntavam se eles estavam empregando os mesmos números que a delegação brasileira para fazer seus cálculos.

Esta não era porém a única contradição entre as informações prestadas por Dauster e as obtidas com os credores. Enquanto o brasileiro falava no pagamento dos 85% restantes num prazo de cinco anos, alguns banqueiros diziam que a coisa não era assim e que o Brasil, além dos 15% que havia prometido desembolsar até o fim do ano, acenava com mais 25% dos atrasados no primeiro trimestre do ano que vem.

Seja lá qual for o número, tanto em um caso quanto no outro a proposta brasileira é mais baixa que a feita pelos credores há duas semanas sobre os atrasados. Na ocasião, eles insistiam em receber um terço do que lhes era devido até o fim do ano e mais 50% no primeiro semestre de 91. Além disso, insistiam para que o problema dos juros atrasados fosse tratado separado da questão do reescalonamento da dívida total do Brasil.

Dauster voltou a insistir em que sua vinda a Nova Iorque, com uma proposta de desembolso até dezembro, contrastando com as declarações anteriores do governo de que o Brasil não soltaria nenhum níquel para os banqueiros nos meses que ainda restam para o fim do ano, não representa uma maior flexibilidade pelo lado brasileiro. “Isso é uma visão simplista”, sentenciou o negociador do governo Collor.

“Nós não viemos aqui com posições-limite, absolutamente fechadas. Se fosse assim, não teríamos para onde ir uma vez começada a negociação”, afirmou. “O que vocês estão testemunhando é apenas a dinâmica do processo de negociar. Um propõe, o outro contrapropõe, e assim vamos tentando chegar a um meio termo.” Pelo segundo dia, o mercado secundário reagiu bem às conversações entre Brasil e credores privados.

Na segunda-feira, o papel da dívida do Brasil, que começou sendo negociado a 23 centavos de dólar, saltou para 26 centavos. Ontem, ele subiu mais 1 centavo.



□ O presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, que deixa a Embaixada brasileira acompanhado do embaixador Paulo Tarso Flexa de Lima (D), chegou ontem para um primeiro encontro com o presidente do Banco da Inglaterra, Robin Leigh-Pemberton. Em entrevista de duas horas, Eris negou que o Brasil tenha proposto aos bancos credores da dívida externa pagar uma parcela de cerca de US\$ 2 milhões dos juros atrasados. Disse que, dependendo do sucesso das negociações do embaixador Jório Dauster, que aconteciam também

na tarde de ontem, em Nova Iorque, a estratégia de renegociação, a médio e longo prazos, seria dar prioridade aos bancos que estão com o pagamento dos juros atrasados. “Mas negociação é busca de consenso, é correção de lado a lado”, afirmou, repetindo a frase feita preferida da equipe econômica. “Negocia-se na mesa, não na imprensa.” Eris explicou que os negociadores brasileiros atuam “no mesmo tom, dado pelo presidente Collor, que endossou integral e pessoalmente a proposta que está na mesa”